

ípsilon

ARTES

Marcelo Brodsky contra o fim da história (e a letargia da memória)

Há quem teime em não deixar as imagens quietas. O artista e ativista argentino é um deles. Em *1968: O fogo das ideias*, exposição que esta quinta-feira abre ao público no Museu Coleção Berardo, em Lisboa, este irrequeto criador de imagens tenta acordar ideais do passado de formas “atraentes” para despertar a consciência política de novas gerações.



SÉRGIO B. GOMES - 20 de Setembro de 2018, 7:38



Já há pouco de fotógrafo em Marcelo Brodsky. Se é na fotografia que estão os pilares quer da sua formação quer do seu trabalho, é sobretudo no campo aberto da imagem que prefere jogar os seus trunfos, convocando a sua arte de remexer no passado para tentar espicaçar o presente. Na apresentação à imprensa de boa parte do seu trabalho mais recente que decorreu esta terça-feira no Museu Coleção Berardo, em Lisboa, o argentino, misto de artista e ativista dos direitos humanos (não necessariamente por esta ordem), demonstrou também como se sente bem a criar imagens para além das imagens físicas colocadas na parede. Ao falar do seu trabalho, a voz de Brodsky impõe-se no espaço; às vezes gesticula de maneira exuberante, faz pausas teatrais, arregala os olhos, desmonta e explica processos de trabalho, desvenda pequenas histórias que se escondem por detrás das imagens que escolheu para 1968: O fogo das ideias, a sua primeira exposição em Portugal, acrescentando mais uma camada às muitas camadas que elas já têm. Acrescentando, de maneira performativa, imagens às imagens.

Ao percorrer os nichos e o longo corredor da sala de exposições do piso -1, vamos percebendo como Marcelo Brodsky — que mostrou uma versão mais reduzida desta exposição nos [Encontros de Fotografia de Arles deste ano em França](#), que assinalaram o cinquentenário do Maio de 68 — gosta de se meter em encruzilhadas, talvez muito pelo desafio retrospectivo de compreender o caminho que percorreu até sair delas. O que quer dizer que também há muito pouco de linearidade na sua atitude e no seu gesto criativo, como o demonstram as várias “conversas” e as várias ligações que, em conjunto com a comissária Inês Valle, o artista argentino foi criando para esta exposição em Lisboa (“A arte e a vida andam juntas”). É um ziguezaguear que não retira um centímetro à coerência ou à pujança da mensagem geral da exposição: a de que vale a pena olhar para a marcha do passado para incentivar a inquietude hoje, como um agulhão que se serve da imagética e do ideário da rebelião como forma de levantamento perante a opressão, a repressão, a perseguição ou a censura.

O primeiro (e mais intenso) desses diálogos é com a obra do poeta e artista conceptual belga Marcel Broodthaers (1924-1976), pela qual Brodsky tem grande admiração. Tanta que se misturou nela. Mas já lá vamos. Antes disso, no processo de escolha das obras de Broodthaers pertencentes ao MACBA que iriam viajar de Barcelona para esta exposição houve “uma coincidência”. A dupla artista/curadora descobriu um trabalho do artista belga, *L'art et les mots* (1973),

imagens de activismo, inconformismo e revolta que dão corpo a 1968: O fogo das ideias. Tal como Broodthaers decidiu destacar pela cor uma ou outra palavra no meio de uma sopa delas (o conjunto é formado por nove quadros), Brodsky sublinha detalhes, pinta símbolos, risca e acrescenta novos slogans e, sobretudo, sobrepõe palavras às imagens. Ao lado de L'art et les mots um rapaz atira pedras à frente de um grupo de manifestantes numa rua de Paris, num gesto que haveria de se tornar icónico da grande revolta estudantil, primeiro parisiense, depois de outros lugares do mundo. No chão, Brodsky escreveu palavras de ordem. Agora, ao olhar para as duas obras justapostas no Museu Berardo, manifesta um espanto sincero: "Eu nem conhecia esta obra... é uma coincidência, mas não é casual, nada é casual... há várias palavras na minha imagem – 'liberdade', 'revolta', 'rua', 'violência', etc – que estabelecem um diálogo muito interessante com esta obra de Broodthaers também feita de palavras." Embora Brodsky sublinhe algumas "coincidências" e uma estarrecida admiração pelo belga, a familiaridade entre os dois artistas torna-se mais evidente naquilo que não é sequer imediatamente visível: uma postura irrequieta em relação ao que está placidamente instituído (o museu enquanto elefante branco foi um dos principais alvos de Broodthaers); uma veia questionadora perante visões monolíticas; uma reacção à passividade, ao conformismo ou à aceitação cândida de verdades absolutas, quer se trate de arte ou de outra coisa qualquer.

TÓPICOS

CULTURA-ÍPSILON | **ARTES** | **ARTE CONTEMPORÂNEA** | **FOTOGRAFIA** | **MUSEU BERARDO**
LISBOA | **MAIO DE 1968**